

A FONTE DAS SAUDADES

Livro 60

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



HERANÇA

Herdarás minhas impossibilidades, minhas dúvidas, minha paz perdida, a bússola do Sul, o mistério revelado, a estreiteza dos meus abraços, a vela recolhida e a âncora jogada.



OS MARES ESCUROS

Os mares escuros aglomeram tristezas, especialmente os mais difíceis de navegar, é o lugar predileto para a desova da reprodução, da decepção, da profanação dos inocentes, das mórbidas rupturas rodeadas de mistérios e sonoridades estranhas. Algumas mariposas com quatro aletas costumam atravessar continentes para desovar as mágoas nestes mares. Ali despejam antigas identidades para saírem dissimuladas em cumprir seus destinos de irresistíveis sereias.

MAIS ALÉM

Quando narro a desértica jornada, parece que invento o infinito; quando vejo, pareço já haver olhado; quando inativo, sinto-me voar e, sendo múltiplo, me sinto só; quando me aventuro, acentuo meus medos; quando acentuo a magia, converto a morte em ressurreição.



A FONTE DAS SAUDADES

Não há só uma fonte para as saudades, elas ficam cansadas de tantas solicitações, de suportar tantas renúncias, adiamentos, aflições. Visitam almas, o preço é eterno, a dívida imensa, o arrependimento maior, despedidos os adiamentos, as soluções menos custosas, os disfarces fragilizados, as mortes apressadas, as efêmeras escolhas, os agradados últimos.

POR ONDE

Por onde andará minha alma? Estará escondida entre mistérios esquecidos, mortos rebelados, casas demolidas, estará minha alma na paixão desassistida, no sonho interrompido, na carícia naufragada, no céu encoberto, no prazer apagado? Estará refugiada na vergonha, escondida, dobrando a esquina, no banco da praça, revoando no pássaro migrante, voltando às origens, ao seu lugar entre os ancestrais?



FAÇA TUDO

O ser humano é delicado e frágil, faça tudo considerando esse conhecimento.

A ESSÊNCIA DOS SENTIRES

A essência dos sentires que aliam a jovem esperança à velha decepção não está no calendário que inventa o tempo.



HORA E DESERTO

Enquanto as tribos não se cansam de presentear-nos com suas raízes, levam e trazem preciosas cargas. O deserto não tem horário para abrir e para fechar. Quando parece haver varrido toda a vida, gira no ar, agoniza e ressuscita.

CARAVANAS

Caravanas encerradas no silêncio do deserto cumprem suas permanentes viagens. Em atenção absoluta, concentrados nos próprios passos em busca de oásis que saciem sua sede.



ONDE ESTÁ A FONTE?

Instalado precariamente em laços longínquos tento amenizar os desconcertos de haver rumado a lugares imprevistos. Postas no esquecimento as rotas conhecidas, como fazer para recuperar a pele original, o sentir familiar, as fontes que ficaram entre Barsa e Duraya, no Líbano?

RESTOS DE NAUFRÁGIO

Há lembranças com restos de naufrágio. Outras, partidas com rumo ignorado. Há as lembranças marcadas de aromas, de sésamo, azeite e canela; outras, quietas e frias. Outras que transportam a morte, que germinam sinistros e que se atiram no abismo. Há as efêmeras e as que nunca nos abandonam.



AS SOMBRAS

As sombras do passado são sempre ambíguas, inacessíveis a estranhos. As sombras chegam em silêncio, ficam até o amanhecer quando se convertem em restos de sonhos buscando um asilo inexistente.

MERGULHADO

Atiram-me na cara exilados de todas as cores e credos que trazem assinado nos seus desesperos, o fracasso da fraternidade indocumentada. As fronteiras analfabetas desconhecem a desventurada família humana fugindo do infortúnio e do aniquilamento.



PELAS MARGENS

Caminho pelas margens das aldeias de Trípoli reclamando em voz alta uma vida mais sossegada, com imprevistos pouco surpreendentes. Reduzo os pesos lançando fora todos os excessos que neles viajam.

ESTACIONEI

Estacionei-me náufrago perto das âncoras que o mar oferece, insistente. Em busca do caminho das utopias, confinado e governado pelos ventos, meu corpo salgado aspira encontrar o lugar onde se esconde o futuro.



NAVEGO

Navego em limites estreitos, onde se instala a perplexidade com que sinto o fundo do rio fundido com o bote chocado, com a âncora danificada e com as velas rasgadas.

ÂNIMOS

Os ânimos oriundos dos encontros habituam. Dando elementos inspiradores, convocam a exuberante dureza do cedro e a suavidade poderosa de um conto infantil.



ÁGUAS

Nos jardins da Alhambra e outros palácios árabes, circulava água em abundância. Os construtores justificavam sua inclusão apoiados em três leituras: fonte, movimento e espelho.

REFÚGIO

Refugio-me no passado, onde tudo é certeza.
Desorganizo os obstáculos numa inocente defesa,
acreditando na proteção vitalícia do anjo da guarda.
Fingindo um casual encontro, deposito meus sonhos
nas suas asas.



DESERTOS PERIGOSOS

Caminho por desertos perigosos. Vi com meus próprios
olhos, perdi o equilíbrio, desorientei-me nos quatro
pontos cardiais: oliveira, palmeira, cedro e cipreste
situados em grande diferença, entre mares e dunas.
Lugares sobrenaturais, místicos e rodeados de vazios
cercados por areias delicadas que escrevem suas
histórias nas dunas eretas, invertidas, extravagantes.

OS MUROS

Os muros contemplam, desconcertados, a separação imposta. Olhos tristes guardam a memória dos encontros que sustentavam a união. São suficientes para contar que a brutalidade impôs silêncios mal calados. O alfabeto dos muros é a metáfora do desaparecimento da ética.



INSTANTES FENÍCIOS

Cheguei a tempo à idade em que tenho que me ocupar da idade. Cheguei a esse refúgio aceitável em vigília, dei-me conta de cuidar do mascate, de fazer desse caminho algo como levar afetos em fardos de algodão.

CONTANDO HISTÓRIAS

Quero de volta uma lembrança que me faça rir, que me siga contando histórias, que dilate o tamanho do meu quarto, que prolongue o meu sonho, e, finalmente, que aumente minha lucidez. Então, minha memória se abrirá serena, por si só; meu passado chegará parecendo como se ali estivesse estado todo o tempo, sem ruído, exatamente igual a como eu o havia esquecido há muito tempo atrás.



ÉS

És a haste e o grão, a terra e o vento; a mão que semeia e, depois da colheita, o lugar para onde o vento ventará.

O SENTIDO DO TEMPO

Ver passar o tempo e a vida diante dos próprios olhos exige pelo menos declarações, depoimentos, biografias, obituários, relatórios, fotografias, todos a serviço de documentar e constatar a passagem e o sentido do tempo que mantém seu movimento.



NA TERRA ONDE PISE

Guardo em mim um desejo de ser Mapuche, Inca, Asteca, Guarani, ser um XIPE-TÓTEC (deus Asteca da primavera) perpetuando a cultura fundada na terra onde pise. Renascer Cedro nas montanhas do Líbano ou uma nau Fenícia.

DESERTO CONFESSOR

Quem duvida desta terra que sustenta montanhas de pedras? Tanta natureza. Pelo sol ocupando as sombras se advertem aos beijos que naveguem cuidadosos pelos desertos. No país dos Cedros as harmonias nunca entram em fadiga.



MODO SUAVE

Falar de modo suave, quaisquer que sejam as palavras, os conteúdos, as orações. Assim não precisaremos calar, e, se imperioso for, pelos perigos, em nome da prudência e do entendimento, aprenderemos a silenciar.

MEMÓRIA ATADA

Minha memória ficou atada a um cedro, demasiado carregada de sentidos; minha memória cresceu, se afastava com passos largos até perdê-lo de vista. Desorientada, perdeu sua identidade, distanciando-se das raízes que o reconheciam.



OUÇO O VENTO

Ouçó o vento desértico, que não seguem em silêncio incansáveis distâncias provoca metas sem destino, corredor aprendiz, de régua, papel e lápis desenha o caminho que significa a rota, errante, solto. Ouço o vento ao sabor da alegoria, disfarçado de alegria, repleto de sobrecargas, sonhos mal calculados, desejos mal realizados, ofensas pousadas, inimigos aliados, barcos desancorados. São apenas ventos deslocados, traslocados carregadores.

VIVA A VIDA

Acolho com hospitalidade a vida que permanece viva em mim, abrindo espaços suaves, refugiando-se dos golpes, decifrando litorais e interiores. Sempre transitória, penetra, gira num universo que vibra e afaga, restaura e cicatriza.



VARRENDO AS INOCÊNCIAS

O mundo e todos seus segredos ocultados ou indecifráveis estão à revelia. O tempo e as realidades varrem todas as inocências.

UM VENTO ME ATIROU

Um vento atirou os anos em cima de mim. Ninguém sabe que o que eu carrego são os anos, todos pensam que sou eu, mas eu fiquei. O vento seguiu levando o tempo e eu tive que com ele ir. Sigo voando.



DOR ALHEIA

A dor alheia, o saber alheio, o riso alheio, a pobreza alheia, viver o alheio, o cheiro alheio. Incorporar a alegria alheia, o tédio alheio, a fome e o alimento alheio, o sabor alheio. Ao descobrir além-fronteiras curei-me do individualismo que me entortava numa única direção.

DISPENSANDO VALORES

A marginalização dos valores é uma condenação, um esvaziamento ostensivo que nivela euforias e alegrias, mulher e homem, lealdade e escravidão, tempo e pressa, criança e adulto, informação e conhecimento.



O BOLSO E O CORAÇÃO

Possessivos e impossíveis, filhos criados por prestadores de serviços, certos meninos e meninas se apresentam como calouros da vida achando que tudo podem, discursos memorizados são seus cartões que antecipam suas arrogâncias diplomadas. Refugiados em seus sonhos desafinados com a realidade que sempre lhes foi poupada conhecer; pouco ou nada sabem do mundo. Compram tudo e a todos que se vendem. Eles não sabem e não querem saber, se livram da tal realidade pondo um muro nos olhos, não sabem o que veem; assim os seus olhos pouco ou nada sabem, e pelo visto nada querem saber. Sentem-se lesados

pela vida, subordinados aceitaram a implantação do virtual, a vida não é o espetáculo, não é exatamente o que dela esperam. Ainda não aprenderam que o efêmero não enche o bolso e o coração, pelo menos ao mesmo tempo. Fingem entusiasmos, fingem que aquilo é vida. Herdeiros, vivem no mesmo emprego a vida toda, vivem várias pobreza, e confusos sentem medo de pensar a vida fora daquilo que eles chamam de “minhas opiniões”.



MANCHA DE LUZ

Não fora a mancha de luz que o entardecer deixou houvesse perdido o caminho de volta, escorria no meu rosto um vazio sem fim, uma falsa nitidez ensaiava uma coerência, eu não estava lá, meu rosto verdadeiro sumido pisava o chão esperando encontrar o pôr-do-sol. Tudo se movia, no chão de terra batida, aqueles rastros não sabiam onde ficaram seus autores, estavam longe, no mundo.

MEMÓRIAS EXUMADAS

Deixo aqui computado meu espanto em pleno exercício da sua vocação. Suporto melhor começos e finais, doses excessivas e seus efeitos colaterais, segredos e denúncias, memórias exumadas e perdidas. Sei do leito que descarta e daquele que fecunda, do pilar que sustenta e da dinamite, dos abandonos e dos cuidados, dos ocultamentos e das descobertas.



CRENÇA FURIOSA

Porque renasce teimosa minha crença furiosa, inquietantemente interessada, erguida para longe ver, se condenada está à ignorância? Sou atravessado por mistérios, sempre silenciosos, herméticos, encerrados em si mesmos, de tão misterioso impossível de evocar, por isso mesmo me chamam tanto a atenção. São incógnitas que não se cansam de nada contar. Deixam minha curiosidade

OS LIMITES E OS NÍVEIS

Repousa em mim uma novidade: a harmonia espera a conciliação dos opostos. Perde então legitimidade todo argumento persuasivo que se abrigue unilateralmente sem acolhimento do oposto. Entretanto, constato desníveis entre a ação organizada de alguns, corporativos, e de outros ingênuos consumidores, preservados inocentes em suas fragilidades. Difícil nivelar a “liberdade para enganar” com a “liberdade de ser enganado”. Enquanto uns deliberam e definem padrões de convencimento, outros, renunciando suas responsabilidades diante do mundo a que está imerso sem saber-se protagonista vivendo nas trevas.



NAS MINHAS PALAVRAS

Nas minhas palavras está inscrito o eixo fundamental, meu patrimônio histórico cultural, nele meus compromissos, minha ideologia, filosofia, psicologia,

meu gozo e risco, minhas dúvidas e segredos, todos os códigos, abertos e fechados, o tempo e o alto risco da felicidade construída, os tabus, as porcentagens, os despejos, os alimentos, o que convém guardar e o que não alcanço esquecer, as hostilidades, as alienações, os poderes, as distâncias, os propósitos, as renúncias, as coragens, os moldes.

Nas minhas palavras cabem os horrores, a misericórdia e a paciência esgotada, os olhos que testemunham e se esforçam inomináveis para ordenar e manter as esperanças, as sobrevivências e os desaforos.

Sou, manifesto a essência, a transparência, a vida e os pedaços que deixei pelos caminhos, falo do medo, do menino, do próprio e dos artifícios adquiridos, das memórias espalhadas e das lembranças guardadas, do imitado e do original, dos anúncios e dos silêncios.

A COR DAS PAIXÕES

Esse amor que exerço em condições de liberdade revela-se anterior a tudo que vivi depois, ele de verdade se encontrava nos sonhos dos meus pais como personagens que passeavam sem tempo e espaço, vestindo a roupa de ocasião e colorindo paixões.



ESSE OLHAR MEDITERRANEO

Esse olhar fundo, mediterrâneo, chega profundo, altera a paz agita a indesejada quietude que verte, afasta os desânimos redistribui sobrevivências. Desaloja os laços mutantes para deter-se, instalar-se afetivo, central, significativo.



Roberto Curi Hallal

